

## O CINEMA E A EDUCAÇÃO NAS SALAS DE AULA: UMA PRÁTICA DOCENTE

JOICE DO PRADO ALVES<sup>1</sup>; DENISE MARCOS BUSSOLETTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [joiceprado@yahoo.com.br](mailto:joiceprado@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [denisebussoletti@gmail.com](mailto:denisebussoletti@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Pretendemos abordar, nesse trabalho, o uso do cinema enquanto uma possível ferramenta educacional dentro das salas de aula. Entendemos que, dentro da realidade imagética contemporânea que permeia praticamente todos os âmbitos da vida cotidiana, analisar o uso da imagem enquanto uma possível vertente educacional se faz extremamente importante, na medida em que colabora na construção de um olhar atento tanto de alunos quanto de professores.

Através das análises estabelecidas por Walter Benjamin, Solange Jobim e Souza, Douglas Kellner, Jean-Claude Carrière e Jorge Larrosa, observamos que o cinema não é e nem deve ser tomado como um meio de comunicação neutro, na medida em que é sempre feito por alguém e para alguém (JOURNOT, 2005). Como mostram os autores, é necessário que uma pedagogia da imagem seja cada vez estruturada com o intuito de abordar justamente essa não neutralidade, evidenciando, dessa forma, a capacidade cinematográfica de educar através da imagem. Pudemos observar tais colocações durante a realização de nosso estágio de docência, no primeiro semestre de 2013, quando ministramos uma disciplina no curso de Pedagogia da UFPel.

Observamos principalmente que, enquanto educadores, devemos estar constantemente atentos para a existência dos discursos por trás da imagem, nos posicionando de forma crítica e desconstruindo, junto aos educandos (e também futuros professores) a noção de que tais imagens sejam verdadeiras (KELLNER, 2000).

Pensamos, portanto, as bases de uma pedagogia crítica da imagem, que possibilite aos indivíduos entenderem melhor a cultura e a sociedade vigente, dando-lhes instrumentos que os ajudem a evitar a manipulação imagética pregada por uma mídia parcial.

### 2. METODOLOGIA

Esse trabalho, que enfatiza uma abordagem qualitativa em educação, foi desenvolvido empiricamente através de nossa prática de estágio docente no curso de Pedagogia da UFPel, onde ministramos a disciplina optativa de Representações da Diversidade: Memória, Identidade e Construção de Narrativas Educacionais, no primeiro semestre de 2013.

As discussões teóricas elaboradas pelos autores supracitados (e que também ajudam a compor nossa dissertação de mestrado), puderam ser observadas na medida em que usamos o cinema como principal veículo de comunicação entre as temáticas abordadas nas aulas e as discussões desses temas com os alunos da disciplina. Permeando assuntos como diversidade sexual, diversidade religiosa, diversidade racial, dentre outros temas (através do filme), pudemos perceber a pouca

atenção que se dá ao uso do cinema enquanto uma ferramenta educacional profundamente educadora. Justamente buscando desconstruir tal noção é que procuramos constantemente trabalhar, junto aos futuros educadores, a ideia de um cinema parcial, que deve ser sempre visto com olhos críticos.

Ao final de cada filme, procuramos não apenas estabelecer relações entre a narrativa e suas possíveis correlações com a realidade, mas também discutir as formas como o cinema pode educar através das imagens por meio de jogos de câmera, sonoplastia e demais aparatos técnicos (MARTIN, 2007). Dessa forma, acreditamos colaborar não apenas para o desenvolvimento de um olhar crítico dos alunos, mas também ajuda-los a perceber a importância de levar essa criticidade adiante, passando-os a seus alunos futuramente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutir o cinema enquanto uma ferramenta educacional (e aqui procuramos não diminuir, em hipótese alguma, a função do mesmo enquanto uma importante expressão artística), a nosso ver, se faz extremamente válido na medida em que ele dialoga com um mundo permeado pela imagem.

Ao finalizarmos a disciplina, pudemos perceber que os alunos demonstravam uma postura crítica muito maior do que quando a iniciamos, apontando-nos exatamente onde, por exemplo, o controle midiático podia ser encontrado dentro dos filmes. As correlações estabelecidas entre filme e realidade também demonstravam uma preocupação maior com os elementos técnicos (justamente o caminho pelo qual diretor e espectador conversam) dos filmes, que antes passariam despercebidos.

Através da avaliação final da disciplina, com exceção de alguns, notamos que os alunos conseguiram entender a não neutralidade do cinema, sua capacidade de entreter e também sua face artística, dois elementos que devem sempre serem levados em consideração quando se trata da força educativa da imagem.

Dessa forma, acreditamos que conseguimos contribuir para uma educação crítica do olhar desses futuros educadores, ajudando-os a entender melhor a realidade imagética contemporânea.

### 4. CONCLUSÕES

Ao encerrarmos a disciplina ministrada no curso de Pedagogia da UFPel, observamos que é válido insistir nos cuidados que devemos ter, enquanto educadores, ao trabalhar com o cinema dentro das salas de aula.

Mais do que um mero momento de distração ou uma complementação da aula dada pelo professor, o filme deve ser tratado com cuidado e com o respeito devido que sua arte merece. Sendo um elemento que adentra diretamente o inconsciente e constrói visões de mundo (VIEIRA, 2010), o cinema enquanto imagem possui, muitas vezes, uma força maior que a própria escrita (CARRIÉRE, 2006).

Dessa forma, acreditamos ter contribuído significativamente para a formação desses novos educadores, que poderão continuar desmistificando o uso inadvertido do cinema dentro das salas de aula.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, v. I, **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARRIÉRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

JOURNOT, Marie-Thérèse. **Vocabulário de cinema**. Lisboa: Edições 70, 2005.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

VIEIRA, Jarbas Santos. Passagem para a Índia: Uma incursão pelo discurso pós-colonial. **Revista Ártemis**, vol. 11, Dez 2010, p.120 – 132.